

# FORMAS REDUZIDAS DE A *GENTE*: CONTINUA A GRAMATICALIZAÇÃO NO DIALETO MINEIRO?

Francisca Paula Soares Maia\*

**Resumo:** O primeiro objetivo deste trabalho é relatar algumas observações sobre o estatuto da gramaticalização da forma *a gente* em língua portuguesa, mais especificamente no dialeto mineiro do português brasileiro. O segundo é problematizar o que se convencionou chamar *gramaticalização*, tradicionalmente entendida como “o resultado de um processo que tem a *solução do problema* como alvo principal”, mostrando que é possível observar o processo por etapas.

**Palavras-chave:** Gramaticalização; *a gente*; cliticização

**Abstract:** The first goal of this paper is to report on observations of the status of grammaticalization of ‘a gente’ in the Portuguese Language, more specifically in the dialect from Minas of Brazilian Portuguese. The second is to problematize what is conventionally called *grammaticalization*, here understood as “the result of a process that has the *solution of the problem* as its main goal”, showing that it is possible to observe the process in stages.<sup>1</sup>

**Keywords:** Grammaticalization; *a gente*; cliticization.

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>1</sup> Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Luis Gonçalves, Princeton, N.Y., pela revisão do *abstract*.

## 1. Introdução

A forma da língua portuguesa *a gente* tem sua origem no latim *gens, gentis*. Observe-se:

- (1) Quen viu o mundo qual o eu já vi, e viu as *gentes* que eran enton. (Séc. XIII)<sup>2</sup>

Em (1) tem-se um exemplo de realização da forma nominal *gente* na língua portuguesa do séc. XIII. Essa ocorrência exemplifica a origem da forma nominal *gente*, objeto deste estudo.

No português brasileiro, a forma *a gente* vem se gramaticalizando, assumindo o lugar de forma pronominal de 1ª pessoa do plural, tendo realização padrão com verbo na 3ª pessoa do singular, conforme pesquisas realizadas sobre a inserção de *a gente* no quadro pronominal.<sup>3</sup> O comportamento da gramaticalização da forma *a gente* é bem diversificado no Brasil.<sup>4</sup>

É de notar-se que a expressão *a gente* nem sempre se referiu à 1ª pessoa do plural no discurso. Essa forma contemporânea, conhecida como pronominal para a expressão da *pessoa do falante + alguém* no discurso no português brasileiro, tem sua origem, conforme já dito aqui, no latim *gens, gentis*, que, originariamente significava “raça”, “família”, “tribo”, “o povo de um país, comarca ou cidade”, conforme ocorrência (1) supracitada.

Após um processo de gramaticalização, “o *a gente* pronominal [passa a]designa[r], mais comumente, um todo abstrato, indeterminado e genérico, representando o conjunto base *ser pessoa*, perdendo (...) o sentido de + *de um*” (LOPES, 2004, p. 12):

<sup>2</sup> Transcrito de Lopes (1999, p. 77).

<sup>3</sup> Menon (1995, 1996), Machado (1999), Lopes (1999, 2004), Zilles (2002, 2005), Maia (2003).

<sup>4</sup> Comportamento em conformidade com a ótica da Teoria da Variação. Uma análise dessa diversificação aparece em Zilles (2002) e Maia (2003). Fica evidenciado, neste último trabalho, que a mudança é mais lenta em comunidades interioranas, tanto em relação às capitais quanto em relação às áreas litorâneas.

(2) na hora *a gente* fica revoltada<sup>5</sup>

Estudos realizados no português brasileiro sobre a forma *a gente* dentro da abordagem variacionista em tempo real de longa e de curta duração<sup>6</sup> mostram que, no caso da forma *a gente*, não se trata somente de variação, mas de mudança linguística em relação à forma conservadora *nós*. Contudo, esses estudos apontam para a necessidade de se investigar o estágio atual da gramaticalização de *a gente*, o que tem sido o principal propósito deste trabalho investigativo, o qual se limita ao dialeto mineiro.<sup>7</sup>

Este trabalho consiste na verificação da possibilidade de as quedas de segmentos já encontradas (MAIA, 2003; ZILLES, 2002) estarem apontando para um estágio de *cliticização*, considerando-se que inicialmente um *item lexical* torna-se um *item gramatical*, realiza-se em seguida como *clítico*,<sup>8</sup> para em um último estágio tornar-se um *afixo* (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). Segundo Ramos (1998, p. 45), formas plenas e reduzidas (no caso, a autora discute a possibilidade de cliticização das formas *você*, *ocê* e *cê*, de acordo com Vitral (1996)) tendem a apresentar um comportamento típico de variação, já que toda mudança pressupõe variação (LABOV, 1994).

O estudo aqui empreendido possibilita, por um lado, estabelecer em que estágio de gramaticalização se encontra a forma *a gente* e, por outro, realizar reflexões sobre seu percurso sofrido rumo à *cliticização*. Para isso, busca-se a descrição de como a

---

<sup>5</sup> Dado do NURC-RJ(AC.020, M2) transcrito de Lopes (2004, p. 12). Neste dado, trata-se de referente feminino exclusivo.

<sup>6</sup> Cf. Lopes (1999, 2004). O primeiro estudo foi resenhado por Machado (1999), Menon (1995, 1996), Zilles (2002), Maia (2003), dentre outros.

<sup>7</sup> Entende-se aqui por *dialeto mineiro* uma forma de falar da região central de Minas Gerais, conforme aparece no atlas linguístico de Nascentes (1953, p. 17) e de Zágari (1998, p. 34-35).

<sup>8</sup> Segundo Vitral (1996), clíticos são elementos sintáticos que carecem de autonomia sintático-fonológica.

erosão da forma *a gente* se dá nesse processo, tendo-se como pressuposto teórico que a mudança linguística é contínua e gradual (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1994).

## 2. O fenômeno em estudo

Apresenta-se a seguir o resumo do trabalho investigativo de Lopes (2004), a partir do qual o fenômeno e os resultados da gramaticalização da forma *a gente* têm progredido, visando a apresentar um breve panorama diacrônico. O relato das verificações e das observações do estudo que se segue busca ampliar, atualizar e resolver questões ainda pendentes de trabalho anterior da própria autora: Lopes (1999). Lopes (2004) aborda a pronominalização da forma *a gente* como um processo de variação e mudança “de longa duração”, sob o enfoque funcional da gramaticalização. Discute a manutenção e a perda de alguns traços formais e semântico-discursivos do nome *gente* e da forma pronominal *a gente*, à luz dos princípios da *persistência* e da *decatégorização* (propostos por Hopper (1991)). Utiliza *corpora* orais gravados, referentes à Amostra NURC-RJ (décadas de 70 e 90) e PEUL-RJ (décadas de 80 e 2000).

A autora reafirma a atribuição da simplificação do paradigma verbal e a alteração do paradigma pronominal à entrada das formas gramaticalizadas *você* e *a gente*, mostrando que a implementação dessas formas, principalmente no português brasileiro (PB), gera um conjunto de alterações gramaticais em diversos níveis:

- a) alteram-se outras sub-categorias pronominais (possessivos, oblíquos átonos e tônicos; é a chamada famigerada “mistura de tratamentos”);
- b) o paradigma verbal perde sua riqueza em termos flexionais;
- c) ocorre o preenchimento obrigatório do sujeito;
- d) os constituintes oracionais dão-se em uma ordem mais rígida na sentença;
- e) há a acepção indeterminadora de *você* e *a gente* no discurso.

Inicialmente a autora retoma a diacronia e revisa a origem do processo de gramaticalização da forma nominal *gente* para a forma pronominal *a gente*, explanando a análise que faz do processo de mudança em tempo real de longa duração (do português arcaico ao português contemporâneo, sécs. XIII ao XX) e em tempo real de curta duração (neste, aborda duas sincronias do séc. XX do PB: décadas de 70 e de 90). Mostra, assim, a verificação que fez sobre a atuação das propriedades intrínsecas de gênero, número e pessoa.

A autora tem por pressuposto teórico-metodológico que no fenômeno da gramaticalização:

- a) um item lexical se torna um item gramatical;
- b) itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais;
- c) tem-se um processo contínuo, regular e previsível em que o item se torna regido por restrições gramaticais;
- d) o gradualismo lhe é inerente;
- e) pressupõe, nos estágios iniciais, a coocorrência de novos valores/usos ao lado dos antigos;
- f) pressupõe a permanência de propriedades lexicais nas formas gramaticalizadas.

A partir desses pressupostos, a autora observa que a gramaticalização de *a gente* é um processo contínuo, regular e previsível, visto que esse item vai perdendo a eventualidade criativa do discurso típica dos elementos lexicais para ser regido por restrições gramaticais, passando a assumir funções anafóricas e expressando noções gramaticais (no caso, semanticamente correspondendo à 1ª pessoa plural, e morfologicamente ocorrendo em forma de 3ª pessoa). Para isso utiliza-se dos princípios e da metodologia da Teoria da Variação (LABOV, 1994), mostrando que não há incompatibilidade entre a perspectiva da gramaticalização e os princípios da mudança linguística enquanto processo lento e gradual.

As alterações das especificações morfossintáticas e semânticas durante a gramaticalização de *a gente* foram observadas

pela autora através dos traços de gênero, número e pessoa. Para isso, adota as noções de subespecificação (ROORYCK, 1994): traços variáveis [ $\alpha$ ] admitem valor positivo (+) ou negativo (-); e traços não-variáveis [ $\emptyset$ ] são *default* ou neutro, ou seja, encobrem um atributo com nenhum valor.

Segundo a autora, na pronominalização de *a gente* os resultados da análise de longa duração dos sécs. XIII ao XX (já apresentados em seu trabalho de 1999) mostram que a forma lexical *gente* apresentava subespecificação de número, ou seja, podia ser usada tanto no singular quanto no plural, característica que vai se perdendo quando esta vai se tornando mais gramatical (séc. XVI, 74% de ausência de traço de número), perda esta que chega a 100% no séc. XX.

Ao comentar a perda do traço de número da forma *gente*, a autora observa que “a perda da subespecificação de número não significa que a pluralidade é semanticamente irrelevante; significa que é gramaticalmente irrelevante” (nos termos de Heine & Reh (1984)).

Quanto ao traço de gênero, a autora identifica a forma substantiva *gente* como não-especificada já em sua matriz lexical, não impondo restrições quanto ao sexo do referente, ao se referir a um agrupamento de pessoas [+ genérico]. Nos sécs. XIX e XX a autora identifica concordância categórica para o feminino singular, e, ao se pronominalizar, *a gente* passa de neutra [ $\emptyset$  fem] quanto à especificação de gênero formal (tal qual ocorre com as demais formas pronominais *eu/tu/você(s)/vós*, não portadoras de gênero formal) para subespecificada [a FEM], podendo combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino, em relação direta com o referente. Lopes (2004), citando estudo realizado por Vianna (2003), observa que a forma mais produtiva nos anos 80 e 2000 é com a generalização do masculino-singular (44%, anos 80; e 63%, ano 2000). Já o feminino singular sofre uma queda de 56% para 38% nesse período. Conjectura que nesses últimos vinte anos o caráter genérico e indeterminado de *a gente* pode ter favorecido o uso de predicativos na forma não-marcada em português: o masculino-singular.

Ao verificar o traço pessoa, a autora encontra a forma pronominalizada *a gente* apresentando traço formal herdado do substantivo, ao combinar-se com verbos em P3 (entre falantes não-escolarizados), a pessoa *default* (na terminologia de Rooryck (1994)) ou a *não-pessoa* (na terminologia de Benveniste (1998)). Semanticamente, passa a compreender o *eu-ampliado*: o traço [+EU] é incluído na forma pronominal, antes realizada como [Ø EU]. Dois indícios sintáticos referendam essa postulação: a concordância verbal com P4 no nível não-escolarizado e a co-indexação pronominal com *nosso(s) / nossa(s)*. No período do séc. XIII ao XVIII, Lopes (1999) registra 21 ocorrências co-indexadas às formas P3 (*seu/dele*). A partir do séc. XIX, com o início da pronominalização, 1 exemplo de combinação com possessivo *nossa* foi localizado, sendo que no séc. XX 19 exemplos já são encontrados, o que para a autora é evidência da inclusão do traço [+EU] na gramaticalização de *a gente*

Lopes (2004) conclui que *a gente* em longa duração comprova o princípio da *persistência*, segundo o qual algumas propriedades intrínsecas dessa forma, como a concordância com o verbo na 3ª pessoa do singular e o caráter indeterminado e coletivo da forma originária se mantêm.

A autora mostra que a gramaticalização de *a gente* comprova também o princípio da *decatégorização* ao apresentar algumas propriedades tipicamente pronominais, como a correlação com adjetivos no masculino ou no feminino conforme o gênero do referente e a perda da possibilidade dessa forma ser determinada por anteposição ou por posposição, ocorrendo preferencialmente isoladano SN.

A autora ressalta que a possibilidade de o nome receber determinação e a impossibilidade de o pronome pessoal ser determinado é que constituem o principal fator de distinção entre uma classe e outra, o que lhes determina a referencialidade. Observa que basta a presença de um elemento modificador anteposto ou posposto para que o uso de *a gente* como substantivo seja favorecido. Dessa forma, ressalta que para a literatura especializada,<sup>9</sup> um item

lexical torna-se mais gramatical quando passa a ocupar posições mais fixas, perdendo a possibilidade de mover-se livremente e ocorrendo como núcleo isolado. Assim, na pronominalização de nominais, estes tendem a ocorrer isolados no sintagma nominal, passando a terem usos estruturais distintos e restritos.

Pelo exposto, vê-se que nesse trabalho se contempla<sup>10</sup> o estudo quanto à gramaticalização da forma *a gente* desde a etapa de *item lexical* até a etapa denominada de *item gramatical* (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). Nas investigações em andamento, através da descrição da erosão fonológica da forma *a gente*, vem-se verificando a etapa seguinte, segundo a qual um *item gramatical* pode tornar-se mais gramatical realizando-se como *clítico*.

Dá-se continuidade aqui aos avanços alcançados em relação à diacronia de *a gente* acima relatados, a partir de uma abordagem formal da etapa de *cliticização* dessa forma. Pôde-se observar, a propósito, que a variante *a gente* [ɐ'ʒẽtʃɪ] é passível de apresentar queda de segmentos, resultando *a gen* [ɐ'ʒẽ], *a ente* [ɐ'ẽtʃ] e *ag'te* [ʼaʒ:tʃ] ou alteração fonética *a bente* [ɐ'hẽtʃ].

### 3. Perdas sonoras na gramaticalização

A questão da perda sonora do termo *a gente* está prevista nas etapas do processo de gramaticalização (propostas por Hopper & Traugott (1993)), em que inicialmente um *item lexical* se torna um *item gramatical*, realiza-se em seguida como *clítico*, para em um último estágio tornar-se um *afixo*:

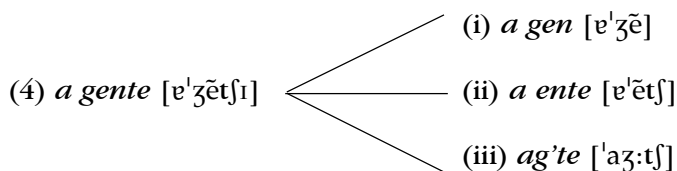
(3) item lexical > item gramatical > clítico > afixo

<sup>9</sup> Heine & Reh (1984); Croft (1993); Martelotta *et al.* (1996).

<sup>10</sup> Lopes (2004) reconhece a limitação de se traçar um perfil cronológico de gramaticalização a partir de dados escritos. Entretanto, em reconhecimento ao mérito inegável do trabalho dessa autora, os seus resultados diacrônicos constituem a fonte das informações do comportamento da forma *a gente* em seus primórdios. Desse modo, no presente estudo, assumem-se essas limitações ao referir-se aos resultados de Lopes (2004).



Prevê-se que a cliticização pronominal apresentará uma das características próprias da gramaticalização: a *erosão*, segundo a qual há redução da palavra pela perda de material fonético (HEINE, CLAUDI & HUNNEMEYER, 1991). Desse modo, a observação da atual etapa de gramaticalização das formas reduzidas de *a gente* em questão se dará, no nível fonológico, visando-se a observação de formas reduzidas, como:



em que (i) há perda de elementos finais da palavra, (ii) há perda de fricativa palatal sonora medial e (iii) há perda da vogal nasal medial (MAIA, 2003).

Contudo, a partir da visão que fundamenta este trabalho, a de gramaticalização como um processo lento e gradual, conjectura-se que as formas acima pertençam a um dos dois percursos possíveis abaixo, os quais são constituídos por um *continuum*:<sup>11</sup>

$$(5) [e'z\tilde{e}tʃɪ] > [e'z\tilde{e}tʃ] > [e'z\tilde{e}ʃɪ] / [e'z\tilde{e}ʃ] / [e'z\tilde{e}t] > [aʒ:tʃɪ] / [aʒ:tʃ] > [e'z\tilde{e}] > [z\tilde{e}] > [\tilde{e}] > \emptyset$$

$$(6) [e'z\tilde{e}tʃɪ] > [e'h\tilde{e}tʃɪ] > [e'h\tilde{e}tʃ] > [e'\tilde{e}tʃɪ] / [e'\tilde{e}tʃ] > [\tilde{e}tʃɪ] / [\tilde{e}ʃɪ] > [tʃɪ] / [tʃ] > \emptyset$$

No presente trabalho, a posição assumida é a de que primeiro haveria o desgaste fonológico da desinência número-pessoal no paradigma verbal, hipótese apresentada por Maia (2003), presente também em Abraçado (1991). Depois, concedido

<sup>11</sup> As formas dos *continua* identificadas no *corpus* utilizado serão descritas na próxima seção.

o espaço para a 3ª pessoa, dar-se-ia a entrada da forma lexical, a qual se torna forma gramatical (de 2ª pessoa do singular, *você*; de 1ª pessoa do plural, *a gente*).

Entretanto, assim como a forma *vossa mercê*, que passa por vários momentos de perda de massa fonética

(7) *vossa mercê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*

já apresentando-se hoje em estágio de cliticização no processo de gramaticalização (VITRAL & RAMOS, 1999; RAMOS, 1997), pressupõe-se a continuidade do processo de gramaticalização da forma *a gente*, a partir da presença das formas *gente*, *a gen*, *gen*, *a bente*, *a 'ente*, *'ente*, *'en*, *'te* (formas presentes em Zilles (2002)); *a bente*, *bente*, *a gen*, *a ente*, *ag'te* (formas presentes em Maia (2003)).

Tendo por objetivo a verificação dos contextos de ocorrência de *a gente* nas supracitadas posições, foram analisadas acusticamente, mediante uso do PRAAT, gravações de entrevistas sociolinguísticas,<sup>12</sup> realizadas com informantes nascidos ou residentes em Belo Horizonte há mais de 30 anos, abordando temas como futebol, trabalho, aborto, religião, conforme previsto na Teoria da Variação.

#### 4. Resultados iniciais

Tendo-se por meta a verificação das propriedades lexicais que se perdem na gramaticalização da forma *a gente* em um possível estágio de cliticização, bem como as que se mantêm,<sup>13</sup> é que vem-se realizando a investigação sociolinguística quantitativa e qualitativa de fatores linguísticos visando-se à explicitação de condicionamentos e restrições atuantes nesse processo.

<sup>12</sup> Refiro-me a entrevistas gentilmente cedidas a mim por Regina Maria Gonçalves, gravadas pela mesma.

<sup>13</sup> Princípios de *decategorização* e de *persistência* de Hopper (1991), respectivamente.

Até o momento foram encontradas as 11 seguintes formas<sup>14</sup> consideradas plenas:

- (8) a. [ɐ'zẽtʃɪ] – em que não há redução em nenhum dos fonemas;
- b. [ɐ'zẽtʃ] – em que o fonema /i/ se revela na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final;
- c. [ə'zẽtʃ] – em que há forte redução do fonema /a/ e o fonema /i/ se revela na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final;
- d. [a'zẽʃ] – em que há leve abertura do fonema /a/, o fonema /i/ se revela na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final e há redução da sílaba final a [ʃ];
- e. [ə'zẽʃ] – em que há forte redução do fonema /a/, o fonema /i/ se revela na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final e há redução da sílaba final a [ʃ];
- f. [ə'zẽt] – em que há forte redução do fonema /a/ e redução da sílaba final a [t];
- g. [ə'hẽt] – em que há forte redução do fonema /a/, substituição de [z] por [h] e redução da sílaba final a [t].

Essas formas são consideradas plenas porque possuem todos os constituintes fonológicos, apresentando às vezes pequenas alterações (ou reduções) em um constituinte fonológico. Por sua vez são consideradas formas reduzidas de *a gente* as que não realizam pelo menos um de seus constituintes fonológicos, levando-se aqui em consideração sua forma fonêmica: /a'zeNte/.

---

<sup>14</sup> Os resultados quantitativos de cada forma estão sendo aferidos, de um total de 317 dados.

São formas consideradas reduzidas as seguintes:

- (9) a. [v'zẽ] – em que há apagamento da sílaba final;  
 b. [ə'zẽ] – em que há forte redução do fonema /a/ e apagamento da sílaba final;  
 c. [ə'hẽ] – em que há forte redução de /a/, substituição de [z] por [h] e apagamento da sílaba final;  
 d. [v'ẽtʃ] – em que há apagamento de [z] e o fonema /i/ se revela na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final;  
 e. [¹az:tʃ] – em que há apagamento de [ẽ] e o fonema /i/ se revela na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final;  
 f. [v'ẽʃ] – em que há apagamento de [z], o fonema /i/ se revela na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final e há alteração da estrutura da sílaba final pela supressão de [t];  
 g. [v'ẽ] – em que há apagamento de [z] e apagamento da sílaba final;  
 h. [¹zẽtʃɪ] – em que há apagamento do fonema [a];  
 i. [¹zẽtʃ] – em que há apagamento de /a/ e o fonema /i/ revela-se na estrutura formântica da fricativa pós-alveolar final;  
 j. [¹zẽt] – em que há apagamento do fonema [a] e redução da sílaba final a [t];  
 k. [¹zẽ] – em que há apagamento de /a/ e apagamento da sílaba final;  
 l. [¹hẽt] – em que há apagamento do fonema /a/, substituição de [z] por [h] e redução da sílaba final a [t];  
 m. [¹ẽt] – em que há apagamento do fonema /a/, apagamento de [z] e redução da sílaba final a [t].

Conforme o que vem sendo apresentado neste trabalho, a pronominalização de *a gente*, a partir da forma lexical latina *gente(m)*,

resulta de um processo de gramaticalização lento e gradual, como defendido por Lopes (1999, 2004) e Maia (2003). Isso corrobora a visão de que na gramaticalização um *item lexical* inicialmente se torna um *item gramatical*, realiza-se em seguida como *clítico*, para em um último estágio tornar-se um *afixo*, sendo que tornar-se um *item gramatical* significa “passa[r] a assumir posições mais fixas nas sentenças, tornando-se mais previsível em termos de uso” (MARTELOTTA *et al.* (1996, p. 46) *apud* LOPES (2004)). Apresenta-se desse modo a seguinte questão: serão as formas reduzidas de *a gente* representativas de um novo estágio em sua história?

## 5. Mais evidências

Nas amostras analisadas em um trabalho investigativo da variação *nós* e *a gente* no dialeto mineiro<sup>15</sup> (MAIA, 2003), foram coletadas 672 ocorrências (313 da variante *nós* (46%) e 359 da variante *a gente* (53%)), o que indicou que a forma *a gente* já se gramaticalizou no dialeto mineiro como forma pronominal de 1ª. pessoa do plural.

Nesse trabalho as conclusões obtidas evidenciam que, no dialeto mineiro, *a gente* já é um item gramatical, ou seja, trata-se de uma forma pronominal inovadora, visto que está ocupando, no uso, o lugar da forma pronominal conservadora *nós*.

Além disso, a forma *a gente* também apresentou-se realizada como *a gen*, *a ente* e *ag'te* ou com alteração fonética *a hente*.

Após levantamento das formas reduzidas<sup>16</sup> nos *corpora* utilizados por Maia(2003) foi elaborada a seguinte tabela:

---

<sup>15</sup> *Corpora* constituído por dados coletados nos moldes da Teoria da Variação em duas áreas geográficas de Minas Gerais (Belo Horizonte [zona urbana] e Pombal [zona rural]).

<sup>16</sup> As tabelas apresentadas referem-se apenas às formas reduzidas coletadas no total de dados de Maia (2003).

TABELA 1  
Formas reduzidas de *a gente*

Localização geográfica	Formas reduzidas	
Zona urbana	<i>a gen / ag'te</i>	11/119 (9,2%)
Zona rural	<i>a ente</i>	12/240 (5%)

A Tabela 1 informa que a forma *a gente* apresenta maior percentual de reduções (9,2%) na zona urbana, tendo um percentual de apenas 5,0% na zona rural. Na zona urbana, a forma *a gente* apresenta um total de 11 formas reduzidas: 4 (36%) se realizam como *a gen* e 7 (64%) se realizam como *ag'te*. Na zona rural, das 12 ocorrências que a amostra apresenta (o equivalente a 100% das formas reduzidas), todas se realizam sob a forma *a ente*.

A próxima tabela permite ver o comportamento das formas reduzidas acima mencionadas em relação aos fatores linguísticos e extralinguísticos:

TABELA 2  
Formas reduzidas de *a gente* nas zonas urbana e rural<sup>17</sup>

Localização geográfica	Formas	Tempo		Referência		Desinência núm.-pessoal		Saliência fônica			Faixa etária		
		pres.	pas.	+gn	-gn	a	x	f	q	w	j	m	i
Zona urbana	<i>a gen</i>	1	3	3	1	4	0	1	3	0	0	1	3
	<i>ag'te</i>	4	3	7	0	6	1	6	0	1	7	0	0
Zona rural	<i>a ente</i>	2	10	7	5	12	0	2	9	1	0	0	12

A Tabela 2 informa que, na zona urbana, de um total de 11 ocorrências de forma reduzida de *a gente*, 4 (36%) são ocorrências da forma *a gen*. Dessas, 3 (75%) têm realização com forma verbal no tempo passado, sendo apenas 1 (25%) no presente; 3 (75%) apresentam referência [+genérica], apenas 1 (25%) apresentando

<sup>17</sup> Legenda: pres. = presente / pas. = passado; +gn = genérico / -gn = não-genérico; a = forma padrão (3ª pessoa do singular) / x = forma não-padrão; f = monossílabo tônico para paroxítono / q = paroxítono para proparoxítono / w = outros (gerúndio); j = jovem / m = mediano / i = idoso.

referência [-genérica]; 4 (100%) ocorrem com o verbo na forma padrão (no caso, na 3ª pessoa do singular); 1 (25%) ocorre no nível de saliência em que os monossílabos tônicos passam a paroxítonos quando acrescidos da desinência número-pessoal de 1ª pessoa do plural, 3 (75%) ocorrem no nível de saliência fônica em que, ao receber a desinência número-pessoal de 1ª pessoa do plural, a forma verbal passa de paroxítona a proparoxítona. Por fim, quanto à faixa etária, 3 (75%) idosos utilizam mais essa forma reduzida; apenas 1 (25%) mediano a produz, não sendo realizada por nenhum jovem.

Por sua vez, a forma reduzida *ag'te*, também de ocorrência na zona urbana, apresenta 7 ocorrências (64%). Destas, 4 (57%) apresentam-se com formas verbais de tempo presente e 3 (43%) ocorrem com verbos no passado. O fator referência genérica mostra condicionamento categórico para ocorrência dessa forma reduzida: 7 ocorrências (100%). A maioria das ocorrências são com forma verbal padrão (6 casos = 86%), no caso, de 3ª pessoa do singular; sendo apenas 1 forma (14%) com ocorrência não-padrão (essa forma, porém, é de verbo no gerúndio). O nível da saliência fônica em que o verbo passa de monossílabo tônico a paroxítono ao receber a desinência número-pessoal de 1ª pessoa do plural favorece 6 ocorrências (86%), havendo apenas 1 ocorrência (14%) em outro nível de saliência fônica (caso de gerúndio). O fator faixa etária tem um comportamento muito interessante: enquanto com a forma *a gen* não houve ocorrência com os jovens, esses mostraram-se categóricos na realização da forma reduzida *ag'te* (7 casos = 100%), o que coloca essa variante como uma possível forma inovadora em relação à variante *a gen*.

Na zona rural, a forma reduzida encontrada foi *a ente* (12 casos = 100%). Dentre 12, 2 (17%) coocorrem com forma verbal no tempo presente e 10 (83%) com tempo verbal no passado; 7 (58%) apresentam referência [+genérica] e 5 (42%) portam referência [-genérica]. Apresenta realização categórica (12 ocorrências = 100%) com verbo na forma padrão (no caso, 3ª pessoa do singular). A maioria dos casos (9 ocorrências = 75%) é com verbos

que mudam de paroxítonos a proparoxítonos e mantêm o acento na mesma posição do radical quando recebem a desinência número-pessoal de 1ª pessoa do plural, com 2 casos (17%) coocorrendo com verbos que passam de monossílabos tônicos a paroxítonos ao receberem a desinência número-pessoal de 1ª pessoa do plural, e apenas 1 caso (8%) em que coocorre com gerúndio.

A partir dos valores obtidos podem ser feitas algumas observações: o fator referência [+genérica] mostra-se favorecedor da ocorrência das três formas reduzidas, o que remete ao princípio da *persistência*, segundo o qual uma forma gramaticalizada ou em processo de gramaticalização continua com vestígios semânticos de seu sema original e sua história pode ser refletida em sua distribuição gramatical. Também corrobora a definição de clítico de Zwicky (1985): “não são derivadas de forma plena via processo fonológico nem dependem do ritmo de fala”, visto que os dados aqui comentados foram obtidos em diálogo com ritmo normal e ocorrem em vários contextos fonológicos.

Os fatores linguísticos e sociais, observados por Maia (2003), apresentam comportamentos bastante semelhantes em relação às formas reduzidas *a gen* e *a ente* na análise diatópica realizada, divergindo, porém, quanto à forma *ag'te*.

Concluindo, pode-se afirmar que há várias evidências de que a forma *a gente* continua seu processo de gramaticalização, ou seja, realiza-se inicialmente como um *item lexical*, torna-se um *item gramatical*, realiza-se em seguida como *clítico*, podendo, em um último estágio, tornar-se um *afixo* (HOPPER & TRAUGOTT, 1993).

## 5. Palavras finais

Levando-se em consideração que clíticos podem ser caracterizados tanto do ponto de vista fonológico quanto do ponto de vista sintático (segundo Vitral & Ramos (2006, p. 53)), além da caracterização da atonicidade fonológica de um elemento é essencial que também a definição da sua distribuição sintática seja



feita, a fim de se definir o *status* de clítico ou não de um constituinte oracional (CORREA, 1998). Apesar das divergências quanto à caracterização de formas reduzidas em clíticos ou afixos, formas livres ou fracas (chamadas pronomes fracos ou átonos), o consenso é que clíticos são elementos sintáticos que carecem de autonomia sintático-fonológica e, portanto, necessitam de uma forma hospedeira que os apóie. Desta forma, clíticos são elementos átonos que se agregam a uma forma acentuada, devido a condicionamentos sintáticos.

## Referências

- ABRAÇADO, M. J. *Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: causas e conseqüências*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1991.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. Campinas: Pontes, 1998.
- CORREA, L. T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, B. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LOPES, C. R. dos S. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação de traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

MACHADO, M. dos S. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

MAIA, F. P. S. M. *A variação ‘nós’ e ‘a gente’ no dialeto mineiro: investigando a transição*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2003.

MARTELOTTA, M. E. *et al.* (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ Departamento de Lingüística e Filologia/UFRJ, 1996.

MENON, O. da S. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n. 44, p.91-106,1995.

MENON, O. da S. *A gente: um processo de gramaticalização*. *Estudos Linguísticos* (Anais de Seminários do GEL), Taubaté, v. XXV, p. 622-628, 1996.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

RAMOS, J. O uso das formas *você, ocê ece* no dialeto mineiro. In: HORA, D. (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997.

ROORYCK, J. On two types of underspecification: towards a feature theory shared by syntax and phonology. *Probus*, v. 6, p. 207-233, 1994 *apud* Lopes (2004).

VIANNA, J. B. de S. *Nós e a gente* sob um novo olhar: estratégias de concordância de gênero e número. *Ao Pé da Letra*, Recife, v. 4, n. 2, p.123-132, 2003 *apud* Lopes (2004)

VITRAL, L. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, p. 115-124, ano 5, v. 4, n. 1, 1996.

VITRAL, L.; RAMOS, J. Gramaticalização de *você*: um processo de perda de informação semântica? *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 3. p. 55-64. 1999.

VITRAL, L.; RAMOS, J. *Gramaticalização*: uma abordagem formal. Belo Horizonte: Tempo Brasileiro, 2006.

WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language. In: MALKIEL (Ed.). *Perspective on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1968. p. 97-193.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 31-54.

ZILLES, A. M. S. Gramaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese. *U. Penn. Working Papers Linguistics*, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 17, p. 19-53, 2005.

ZWICKY, A. M. Clitics and particles. *Language*, v. 61, n. 2, p. 283-305, 1985.

Recebido para publicação em 31 de agosto de 2011.

Aprovado em 7 de outubro de 2011.